



Dados - Revista de Ciências Sociais

ISSN: 0011-5258

dados@iesp.uerj.br

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Brasil

Sacramento, Octávio

Conjugalidades Distendidas: Trânsitos, Projetos e Casais Transatlânticos

Dados - Revista de Ciências Sociais, vol. 59, núm. 4, 2016, pp. 1207-1240

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=21850065007>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Conjugalidades Distendidas: Trânsitos, Projetos e Casais Transatlânticos

Octávio Sacramento

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal. E-mail: octavsac@utad.pt

INTRODUÇÃO

No Nordeste brasileiro, a praia de Ponta Negra, em Natal (RN), é um destino turístico balnear bastante procurado por homens europeus. Durante as suas estadias, é muito frequente o envolvimento com mulheres brasileiras que aí vão conhecendo, sobretudo no contexto do sexo transacional (*programas*), de onde resultam múltiplas configurações passionais transnacionais¹. Os vínculos que europeus e mulheres locais estabelecem não representam, inevitavelmente, meros episódios fugazes nas experiências de lazer dos primeiros. Com alguma frequência, a partilha de intimidade entre uns e outras sobrevive à relativa efemeridade da estadia turística, estende-se flexivelmente no tempo e no espaço e vai ganhando alguma espessura social. Daqui emergem formações conjugais associadas a um amplo feixe de mobilidades no âmbito do qual se (re)definem relações com diferentes lugares e pertenças geográficas. É justamente na interseção entre a conjugabilidade e os deslocamentos no espaço transatlântico que centro a análise, tentando compreender como aí se produzem, em simultâneo, vinculações variáveis e flexíveis de intimidade, residência e mesmo de cidadania. A flexibilidade como marca de processos transnacionais intensificados pelo chamado capitalismo tardio é uma ideia bastante explorada por Ong (1999, 2006), sobretudo por via do conceito de "cida-

DADOS – *Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, vol. 59, nº 4, 2016, pp. 1207 a 1240.

dania flexível", através do qual discute "[...] as lógicas culturais da acumulação capitalista, as viagens e os deslocamentos que induzem os sujeitos a responder de forma fluida e oportunista a condições político-econômicas em mudança" (1999:6).

Num primeiro momento do texto, procuro analisar os encontros passionais euro-brasileiros em Ponta Negra e os desígnios que lhes são inerentes, bem como a transição de relações iniciadas no ambiente turístico como *programas* ou *namoros de verão* (Piscitelli, 2001) para configurações relacionais que, frequentemente, evoluem enquanto projetos de casal. Em seguida, e considerando reflexões já esboçadas em texto anterior (Sacramento, 2016a), tento mostrar que o casamento convencional, bem como outros vínculos pós-convencionais de afinidade (Aboim, 2009; Beck e Beck-Gernsheim, 2004; Holmes, 2010), estando situados a uma escala internacional, pressupõem, intrinsecamente, determinadas formas mais ou menos polivalentes de gestão da mobilidade, da residência e dos projetos profissionais. No conjunto destas estratégias é bastante comum a deslocação migratória feminina para o país do respectivo companheiro, segundo uma orientação predominante Sul/Norte, rumo a geografias mais prósperas (Brennan, 2004; Constable, 2005; Piscitelli, 2009; Riaño, 2003; Raposo e Togni, 2009; Roca *et al.*, 2008; Tseng, Cheng e Fell, 2013; Yang e Lu, 2010). Menos comuns e também menos estudadas têm sido as migrações inversas – de homens ocidentais para os países do Sul, ao encontro das suas companheiras – e os movimentos pendulares sazonais entre os países dos consortes, paradigma da flexibilidade e fluidez inerentes às formações conjugais transnacionais. Procuro, por isso, dedicar-lhes também a devida atenção na parte final do texto.

A análise aqui desenvolvida está ancorada numa investigação em que a abordagem etnográfica constituiu a principal estratégia metodológica de um processo de pesquisa empírica no qual se destacaram a observação participante e as entrevistas semidirigidas como principais procedimentos de recolha de informação (Sacramento, 2014, 2016b). Numa primeira fase permaneci seis meses em Ponta Negra, entre novembro de 2009 e maio de 2010. Este foi o espaço de partida e de referência. Além dele, de maio a novembro de 2010, percorri outros sítios geográficos (*v.g.* Milão, Aosta, Turim, Cesena [Norte de Itália], Lelystad [Holanda]) e, inclusive, digitais (*v.g.* Facebook) envolvidos na densa rede de fluxos associada aos vínculos de intimidade iniciados do lado brasileiro e, parte deles, mantidos à distância segundo diver-

sos formatos relacionais. Esta etapa complementar desenrolou-se em vários locais dos países que mais se destacam na produção de trânsitos e vínculos com Ponta Negra. Em concreto, destinou-se a acompanhar noutros contextos e circunstâncias sociais, alguns dos principais interlocutores da experiência de campo no Brasil. Adotando uma “etnografia multissituada” (Marcus, 1995), pude acompanhar os meus informantes, quer os europeus, quer as parceiras brasileiras, nas suas deslocações e estadias entre ambas as margens atlânticas e, desse modo, captar de forma mais efetiva a dimensão transnacional dos cenários passionais e conjugais de que são protagonistas.

Ao implicar, por via da observação participante, uma grande aproximação social do investigador aos sujeitos que personificam o objeto de estudo, a etnografia tem como grande desígnio captar o “ponto de vista dos nativos”. Procura, assim, proporcionar uma compreensão densamente imbricada nas coordenadas culturais daqueles e fazer emergir as complexas estruturas de significados da ação humana (Geertz, 1997). Trata-se de uma abordagem eminentemente indutiva, pouco propícia à construção de narrativas teóricas de grande alcance e que visa ter quase sempre presente o terreno na apresentação da teoria. A estrutura e textualização do presente artigo são, aliás, prova deste diálogo próximo e permanente, ao não fragmentar a discussão entre referencial teórico e análise empírica.

No posicionamento metodológico etnográfico, ao contrário do que sucede em estratégias mais padronizadas de pesquisa das ciências sociais, é impossível seguir-se um plano rígido de trabalho. O investigador tem de se ir adaptando às circunstâncias, desenvolvendo um trabalho de cariz artesanal muito dependente do seu *tour de main* (Olivier de Sardan, 1995) e tendo sempre presente que é fundamental assegurar uma efetiva incorporação no espaço social em que decorre o seu trabalho. Foi esta incorporação que me proporcionou uma vasta rede de relações sociais de investigação, através das quais pude aceder em primeira mão a um amplo caleidoscópio de vivências e discursos dos informantes (Sacramento, 2016b). Os elementos empíricos que ia coletando eram diariamente registados em diário de campo. Simultaneamente, a confiança e empatia criadas pela observação participante foram decisivas para a operacionalização de instrumentos de pesquisa complementares, como foi o caso da meia centena de entrevistas semi-dirigidas realizadas a atores sociais do fenómeno em estudo.

ENCONTROS TURÍSTICOS, DESEJOS, INTERESSES E PODER

A produção e internacionalização turística de Ponta Negra ao longo das duas últimas décadas do século XX efetuou-se sob o signo de uma identidade nacional já amplamente exotizada e erotizada nas imagens globais da brasilidade (Bignami, 2002; Gomes, 2010; Machado, 2009; Piscitelli 2008)². Nem sempre de forma intencional, o processo favoreceu o *male gaze* (Pritchard e Morgan, 2000) e reproduziu as lógicas do desejo (Constable, 2003) dos “fantasmas do império” (Veissière, 2011). Não é de admirar, portanto, a forte afluência de turistas masculinos do continente europeu, provenientes sobretudo de países mediterrâneos, em especial da Itália³. Durante a sua estadia turística, é frequente estabelecerem relações íntimas com mulheres brasileiras que vão conhecendo na praia, no bairro ou noutras zonas da cidade de Natal. Desde logo, com aquelas cuja atividade é a prestação de serviços sexuais remunerados, e que são, socialmente, designadas por *garotas de programa*; mas também com outras mulheres que, embora não se assumam ou sejam tidas como tal, guiam-se por um leque mais ou menos semelhante de expectativas e de estratégias relacionais (Sacramento, 2015a). Aliás, as fronteiras entre o amor e o dinheiro aqui são particularmente esbatidas e fluidas (Adelman, 2011; Zelizer, 2005), daí a impossibilidade de traçar uma linha inequívoca entre *programas* e namoros, entre formas comerciais e não comerciais nestes relacionamentos transnacionais.

É relativamente comum a noção de que os encontros turísticos do tipo dos que ocorrem em Ponta Negra entre europeus e brasileiras estarão subordinados a uma dialética em que se confrontam dois grandes interesses ou desejos bem diferenciados: sexo, da parte masculina, e dinheiro e outros proveitos, da parte feminina. Este é, aliás, o entendimento que o conceito de turismo sexual muitas vezes subentende (Brennan, 2002, 2004), perpassando a ideia de que, no essencial, tudo se resume a disposições transnacionais em que a lascívia viril de turistas ocidentais afluentes se junta ao compreensível e rudimentar calculismo de mulheres desesperadas do Sul, interessadas somente em assegurar meios para desenvolver as suas condições materiais de vida. Porém, as situações que a etnografia me foi mostrando são bem mais complexas, ambíguas e não lineares, não se resumindo à fórmula dicotômica sexo *versus* dinheiro⁴. Para lá do sexo, da parte masculina, e do dinheiro, da parte feminina, existem muitos outros desejos e interesses de parte a parte (Sacramento 2015a, 2015b). A generalidade destes de-

sejos e interesses inscreve-se na própria historicidade do espaço transatlântico, nomeadamente nas representações das identidades nacionais que foram sendo produzidas pelos discursos coloniais e pós-coloniais. Praticamente desde os primeiros contatos entre o Velho e o Novo Mundo, foram ganhando forma disposições identitárias recíprocas e diferenciadas, em particular determinadas interseções de nacionalidade, gênero, “raça”, classe e sexualidade⁵, das quais emergem as alteridades, representações e vontades – *transatlantic cultural economy of desire* (Veissière, 2011) – que pautam as convergências passionais transnacionais iniciadas em Ponta Negra.

Ainda que o sexo seja um elemento incontornável da experiência turística, os europeus são movidos por vários outros desígnios. Desde logo, eles esperam encontrar no Nordeste brasileiro manifestações autênticas de feminilidade (Piscitelli, 2004b) e, assim, concretizar expectativas de gênero, paixão, conjugalidade e família que creem estar comprometidas com a crescente emancipação feminina e a turbulência dos vínculos sentimentais no continente europeu (Sacramento, 2015b). Em concreto, identificam o exagerado investimento feminino na carreira e a preocupação com a independência econômica e as condições materiais, em detrimento da vida sentimental, sexual e familiar, como causas maiores daquilo que os próprios, tomados por uma certa nostalgia patriarcal, admitem ser os grandes problemas masculinos na esfera íntima das suas vidas na Europa: a retração e seletividade das mulheres, sobretudo das que mais desejam, nos processos de sedução e conquista sexual; as dificuldades na construção de relacionamentos convergentes com ideais de casal que remetem para uma ampla e intensa cumplicidade afetivo-sexual e para a necessidade de um permanente investimento, em especial da parte feminina, na consensualização de projetos de família e trabalho.

As mulheres que encontram em Ponta Negra, por seu lado, não se orientam exclusivamente por critérios materiais, embora a precariedade econômica da maioria delas lhes imponha uma preocupação onipresente com os meios de subsistência. Por isso, seja com o homem estrangeiro ou com o nacional, seja no âmbito dos *programas* ou de relações ditas *normais* ou *por amor*, os interesses materiais estão inevitavelmente presentes enquanto componentes intrínsecos da esfera íntima (Sacramento, 2015a). Mais acentuados, expressivos e hegemônicos nuns casos, mais dissimulados ou irrelevantes noutros, eles encontram-se mesclados com um vasto leque de outros interesses, desde

logo com os que remetem para dimensões passionais e de gênero. Num quadro de “poética e política do amor” (Adelman, 2011), elas ambicionam encontrar junto ao *gringo* a solução para as suas inquietações materiais, oportunidades de mobilidade para a Europa (em turismo ou no âmbito de um projeto migratório), e o romantismo, modernidade relacional e sentido de compromisso⁶ fundamentais à construção da idealizada história de amor (Sacramento, 2015a). Não podemos esquecer que também elas expressam insatisfação face aos relacionamentos com os seus concidadãos, citando problemas como a infidelidade, o machismo e o descumprimento de obrigações parentais que comprometem o sucesso dos seus projetos de aliança e família.

A princípio, poder-se-á supor que a concretização destas agendas femininas é fortemente condicionada pela situação social adversa das mulheres face aos companheiros estrangeiros. Estes parecem ser, inquestionavelmente, favorecidos pela posição de classe, pelo gênero, pela diferença de idades (em média superior a 10 anos)⁷ e, em certa medida, pelo capital simbólico decorrente do prestígio geopolítico das suas nacionalidades. Elas, pelo contrário, poderão ser percebidas como estando numa posição subalterna, enredadas em noções de “raça”, sexualidade e docilidade exótica geradas nos imaginários coloniais e depois reconstruídas através de uma colonialidade que começa por se expressar na produção da identidade nacional brasileira e, mais recentemente, na afirmação global do Brasil turístico (Gomes, 2010, 2013; Piscitelli, 2004a; Ribeiro e Sacramento, 2009; Stolcke, 2006). No entanto, a correlação de forças não é assim tão linear, ao ponto de se poder falar em uma inquestionável supremacia masculina. Elas também têm os seus recursos e subterfúgios, não estando propriamente à margem do exercício de poder nos espaços sociais íntimos em que participam. Embora sujeitas a inúmeras vulnerabilidades e subalternidades estruturais com grande espessura histórica, evidenciam capacidade de agência, uma vez que as ligações aos homens europeus não as submetem, invariavelmente, a uma condição de seres passivos e explorados, como se defende em discursos que parecem reduzir a sua existência e identidade à condição de vítima (Michel, 2009).

Face à posição social e simbólica mais privilegiada dos *gringos* (homens, classe média, relativa afluência econômica, turistas, europeus), as mulheres gerem a sua própria corporeidade racializada e (hiper)sexualizada e as alegadas competências sentimentais de sedução e paixão como recursos para exercer influência no espaço das respectivas

interações íntimas. São esses recursos que lhes permitem, sobretudo a um “nível micropessoal” (Cohen, 1986), gerir as assimetrias face aos parceiros estrangeiros e, à escala das respectivas contingências relacionais, atenuar, ou mesmo subverter – de forma mais ou menos circunstancial – em benefício próprio as posições relativas de poder, adotando estratégias em funções dos seus objetivos imediatos e projetos de vida. Além do mais, os vínculos transnacionais, à semelhança do que acontece com outras mulheres latino-americanas e asiáticas (Cohen, 1986; Constable, 2005; Lopes Júnior, 2005; Kempadoo, 2004), garantem-lhes condições para fazer escolhas estratégicas, aceder a ganhos materiais e simbólicos e pôr em causa o *status quo* de regimes de dominação.

MOBILIDADES EM CADEIA E CONJUGALIDADE

Iniciadas no cenário do turismo internacional em Ponta Negra, muitas das relações de intimidade euro-brasileiras têm continuidade após o regresso dos turistas aos seus respectivos países. Aqui, como noutros contextos, a distância não dita, automaticamente, o fim da intimidade (Holmes, 2010). A sua persistência transnacional é alimentada pelas expectativas e interesses cruzados de que falava atrás, e facilitada pelas mais recentes possibilidades de convivência íntima que a tecnologia tem vindo a proporcionar (Miller, 2011; Roca, 2011; Sibilia, 2008). De tempos a tempos, alguns dos relacionamentos que resistiram à distância geográfica são retomados no seu formato presencial, através de novos deslocamentos masculinos ao Brasil e/ou de deslocamentos femininos à Europa. No aeroporto Augusto Severo, em Natal, pude presenciar a chegada de europeus e o seu reencontro com as companheiras locais, bem como a partida de outras mulheres para passar uma temporada com os seus *gringos*. É caso para dizer que a transnacionalização da intimidade gerada no contexto do turismo é ela própria, a jusante, responsável por novos fluxos turísticos (e não só), incluindo alguns que, a princípio, seriam pouco prováveis: aqueles que integram brasileiras pobres que têm a Europa como destino, mostrando-nos que as posições “turista/nativo” não são fixas e podem mesmo inverter-se (Bruner, 2005).

São muitos os europeus com várias e sucessivas visitas turísticas ao Nordeste brasileiro e, por outro lado, é bastante significativa a quantidade de mulheres de Ponta Negra que já esteve pelo menos uma vez no Velho Continente. A deslocação destas últimas é feita quase sempre a convite dos companheiros da outra margem atlântica. São eles que assumem responsabilidades determinantes na organização e financia-

mento da mobilidade. Informam e ajudam em procedimentos burocráticos, de modo a facilitar a entrada na fortaleza seletiva em que está sendo transformado o espaço europeu. Compram o bilhete de avião, eventualmente adiantam algum dinheiro para a aquisição de roupa ou de malas de viagem e asseguram a generalidade das despesas da estadia. A descrição da primeira viagem de uma das minhas informantes para a Holanda é ilustrativa:

Todo o dia, todo o dia a gente [ela e o namorado holandês] se falava pela internet. Aí, ele falou assim: “Você quer vir para cá?”. Aí, eu falei: “Eu não tenho nem passaporte (nunca viajei) e nem dinheiro para pagar a passagem”. Aí, ele: “Não, mas eu vou mandar para você tirar o seu passaporte”. Aí, eu fui, tirei o meu passaporte e vim [para a Holanda] por 15 dias dessa vez. Ele me falou também que ia mandar a passagem; e mandou pela internet. Eu fui buscar a passagem e vim (brasileira, 37 anos, desempregada, ex-cozinheira).

Quando realizadas no âmbito de relações relativamente recentes, as mobilidades femininas representam uma oportunidade para, num contexto distinto e subordinadas a novas circunstâncias cotidianas, ambas as partes procederem à (re)apreciação dos vínculos iniciados nos trópicos. O período de tempo passado em conjunto funciona como um estágio de prospecção para a tomada de decisões sobre o futuro e os termos da relação. Permite-lhes aprofundar o conhecimento mútuo e calibrar as representações prévias, produzidas ainda no Brasil, sobre o/a parceiro/a e a vida na Europa. As práticas de gênero são particularmente visadas neste processo de aferição cruzada, pois a gênese e as perspectivas de continuidade dos relacionamentos em causa foram, em larga medida, impulsionadas por determinadas ideias de *mulher brasileira* e de *homem europeu*. Para as recém-chegadas, além das questões de gênero, são igualmente importantes, escrutinadas e ponderadas as condições materiais, a integração social e a adaptação ao novo cotidiano. No âmbito deste exercício, algumas mulheres aproveitam a estadia para fazer uma espécie de périplo prospectivo entre localidades ou até mesmo entre países, visitando vários homens que conheceram em Ponta Negra e com quem foram mantendo contato. Procuram, assim, identificar, comparativamente, o parceiro que reúne melhores condições para lhes proporcionar um projeto de vida sólido e apelativo do ponto de vista material, sentimental e familiar.

Entre as expectativas recíprocas anteriores ao reencontro e a experiência efetiva de convivência em contexto europeu ocorrem, por vezes,

acentuadas dissonâncias e decepções. A maior ou menor conformidade entre as suposições de Ponta Negra e as constatações feitas já do outro lado do oceano tem, obviamente, um papel determinante na definição da trajetória do relacionamento. Quando a convergência é escassa e as partes não vislumbram possibilidades de concretização de expectativas prévias, o fim da relação é o desfecho mais provável. Pelo contrário, uma maior convergência tende a traduzir-se no reforço da partilha de intimidade e, amiúde, na sua progressiva configuração em formato de casal. Este é um processo gradual que ganha forma através de arranjos variáveis e moldáveis que, no imediato, poderão não passar pela institucionalização matrimonial, refletindo tendências já bastante expressivas nos padrões contemporâneos de organização da vida conjugal (Aboim, 2009; Beck e Beck-Gernsheim, 2004). Todavia, num ou noutro momento, muitos desses arranjos acabam por ser juridicamente formalizados como casamento, tanto mais não seja por razões pragmáticas de agilização da gestão da mobilidade, residência e cidadania dos cônjuges e dos seus descendentes.

A conjugalidade transnacional está vinculada a fluxos globais de pessoas, quer como configuração social central na produção de deslocamentos, quer como resultado dessas mesmas deslocamentos. No campo mais específico das migrações, esta dupla relação é particularmente evidente. Dependendo dos casos, a aliança tanto pode ser uma causa decisiva na construção de projetos migratórios como, a jusante, um efeito da interculturalidade nos contextos de acolhimento de imigrantes. No âmbito desta análise interessa-me, sobretudo, debater a primeira conexão, pois é aquela com que me deparei mais repetidamente no decurso do trabalho de campo. Enquanto enquadramento ativador da mobilidade migratória, as relações de aliança transnacionais têm recolhido considerável interesse por parte das ciências sociais, que se referem ao fenómeno como *marriage migration* (Flemmen, 2008; Kim, 2010; Lu, 2005; Piscitelli, 2009; Riaño, 2003; Yeoh, Leng e Dung, 2013), “fluxos matrimoniais” ou “migrações por amor” (King, 2002; Lima e Togni, 2012; Raposo e Togni, 2009; Roca *et al.*, 2008).

Grande parte das migrações ditas amorosas ou conjugais processa-se de países em vias de desenvolvimento, principalmente do Sudeste asiático e da América latina, para países mais prósperos e é protagonizada por mulheres. É pouco comum o inverso em termos de gênero dos intervenientes e de orientação geográfica dos fluxos. Em Ponta Negra são praticamente inexistentes os casos de europeias que aí se instalam

no âmbito de relações de afinidade com homens locais. A situação com maior expressão é a da conjugalidade euro-brasileira associada à migração feminina para a Europa. Porém, não são de se negligenciar duas outras situações que também já tive a oportunidade de mapear, ainda que de forma muito sumária (Sacramento, 2016a): o fluxo de homens europeus para morar em Ponta Negra/Natal com as respectivas companheiras e as sucessivas sazonalidades alternadas do casal, ou de uma das partes, entre o Brasil e o Velho Continente. Ao não limitar a análise à configuração empírica dominante, tento destacar a crescente flexibilidade dos arranjos transnacionais de aliança e residência⁸. Ao mesmo tempo procuro mostrar que eles nem sempre pressupõem a deslocação feminina, nem mesmo a migração propriamente dita de uma das partes. Vejamos, então, as principais estratégias de mobilidade e residência subjacentes aos vínculos conjugais que se constituem no contexto transatlântico.

CASAR E IR PARA A EUROPA

O casamento com o *gringo* proporciona à generalidade das mulheres de Ponta Negra uma das poucas possibilidades de residência legal nos países do Velho Continente. Configura, por isso, a oportunidade de acesso à cidadania europeia, entendida pelas próprias como uma cidadania privilegiada, desde logo pelo capital simbólico, estatuto e maior facilidade de movimentação que lhes garante no cenário global: “Com um passaporte europeu você entra em todo o lado, sem problema nenhum. [...] Minhas colegas dizem: ‘Tou nem aí não ter o passaporte brasileiro! Agora entro em qualquer lado e nem olham na minha cara, porque pensam que eu sou europeia’” (brasileira, 40 anos, casada com um norueguês). A subjetividade de confiança e segurança que esta condição inspira face às fronteiras contrasta, profundamente, com as angústias que caracterizam a relação de precariedade de muitas outras mulheres, ainda sem qualquer vínculo legal de residência a países europeus, com as mesmas fronteiras.

Num cenário de controle cerrado dos fluxos migratórios com destino ao espaço europeu, é inegável que o casamento transatlântico se configura como uma das mais viáveis formas de entrada para quem não dispõe de outros recursos. Isso não significa, porém, que as mulheres em causa instrumentalizem a conjugalidade tendo em vista apenas e somente a obtenção da cidadania europeia, como também conclui Blanchette (2005) para os matrimônios entre brasileiros e anglo-ameri-

canos. Embora muito importantes, os eventuais projetos migratórios, conforme já dito, são apenas uma parte do leque mais vasto de expectativas e interesses subjacentes à aliança com o estrangeiro. Por outro lado, não podemos esquecer que nem todas as mulheres, sobretudo por conta dos filhos, desejam migrar. Não me parece pertinente, portanto, focalizar em demasia a questão dos “vistos”, como faz Brenann (2002) na análise da articulação entre intimidade e migrações femininas da República Dominicana para a Europa. O recurso ao casamento enquanto mero instrumento de enquadramento legal da mobilidade migratória, servindo exclusivamente o propósito de assegurar o direito de residência num determinado país ou espaço comum de circulação⁹, até poderá ter uma expressão significativa em determinados contextos (García, 2006; Grassi, 2006). Julgo, todavia, que esse não é o caso do terreno etnográfico que aqui considero.

Também são pouco comuns neste contexto os arranjos matrimoniais comerciais ou *mail order brides*, em que a constituição do casal e, por vezes, as mobilidades são intermediadas por agências especializadas, à semelhança do que é mais habitual acontecer com mulheres de países asiáticos (Constable, 2009; Lu, 2005; Yeoh, Leng e Dung, 2013). O fato de não ser frequente a intermediação comercial nas alianças conjugais transatlânticas que se concretizam a partir de Ponta Negra e, mais importante ainda, a sua não circunscrição estrita à obtenção de direitos de residência tornam plausível uma análise crítica da forma como os Estados europeus e muitos outros tendem a lidar com os casamentos transnacionais: submetem-nos a uma vigilância férrea e invasiva, impregnada de estigmas, e a uma bateria de disposições legais que enredam o processo de concessão de plena cidadania por via matrimonial, colocando em causa o *ius connubii* (direito à conjugalidade e à constituição de família) reconhecido nos ordenamentos jurídicos nacionais e internacionais (D’Aoust, 2012; Palriwala e Uberoi, 2005).

Os casamentos transnacionais em Ponta Negra representam muito mais que um simples passaporte para a Europa. A migração feminina não é um fim em si. Ela é, acima de tudo, uma inevitabilidade decorrente de outras aspirações pessoais na esfera da intimidade, da família e das relações de gênero que as mulheres brasileiras creem mais facilmente concretizar com os companheiros europeus, dispondo-se, por isso, à mudança para junto deles. Daí a designação de “migrações por amor”, usada com particular ênfase por Roca (2009; Roca *et al.*, 2008) para se referir aos fluxos femininos internacionais no quadro das rela-

ções de conjugalidade com cidadãos espanhóis. Este reconhecimento de razões imateriais, geralmente descurado nos estudos clássicos das migrações, não deve, por sua vez, negligenciar as razões socioprofissionais e econômicas, igualmente importantes no processo de concretização de projetos migratórios. Assim, não fará grande sentido enveredar por esquemas de análise dicotômicos, opondo “migrações por amor” ou migrações matrimoniais a migrações laborais (Jones, 2012; Palriwala e Uberoi, 2005; Piper, 2003), nem tampouco separar amor e interesse econômico. As mulheres que casam e partem para os países dos respectivos maridos são, simultaneamente, esposas e trabalhadoras (Piper, 2003).

O exercício de uma atividade assalariada, ainda que precária e com salário baixo, é fundamental para a maioria delas, como pude constatar entre as minhas informantes que estão ou já estiveram emigradas na Europa. Garante-lhes, desde logo, uma certa autonomia financeira em relação aos companheiros. Por outro lado, permite-lhes assegurar de forma mais sustentada as despesas regulares com os filhos e demais familiares que ficaram no Brasil, melhorar de forma significativa as suas condições de vida e, por vezes, constituir algumas poupanças ou fazer pequenos investimentos no seu país. Na descrição que se segue fica evidente como o pequeno salário auferido na Itália, a fazer limpezas, durante os dois anos que durou o casamento com um cidadão italiano, foi sendo canalizado para os descendentes, mostrando-nos também que as migrações femininas em que os filhos permanecem no país natal não implicam a erosão das obrigações da maternidade; somente a sua reconfiguração como “maternidade transnacional” (Hondagneu-Sotelo e Avila, 1997).

Lá [Itália] eu comecei a trabalhar, a trabalhar. Trabalhei dois anos, foi muito bom. Eu fazia limpezas em escadas de condomínio, aquelas escadas que sobe no apartamento. Limpava também elevadores, vidros de sala e fazia limpezas em apartamentos; e assim foi, trabalhando. [...] Gostava muito, porque é um trabalho honesto. Eu gostei sempre de limpezas. O salário era bom, quer dizer... 500 euros era bom. [...] O meu marido, ele fazia muitas coisas lá, *né*. Trabalhava com coisas lá... construção. O salário dos dois dava... O meu não gastava nada, porque o meu mandava para o Brasil. Tudo para o Brasil. Eu tinha deixado dois filhos. Meu filho tem 12 e a minha filha tem 9. Tinha deixado ele com a minha mãe e a outra com a avó [paterna] (brasileira, 30 anos, faz *progras* esporadicamente).

Esta maternidade geograficamente distanciada é, amiúde, uma estratégia temporária na qual é contemplado o reagrupamento familiar a curto ou médio prazo. A mobilidade dos filhos *a posteriori* é justificada pelas próprias mulheres como uma medida de salvaguarda. Mesmo quando se discute a situação num plano meramente hipotético, a sua cautela maternal é bastante vincada:

Não, primeiro eu vou, para ver como é que é lá [Europa] o sistema, eu não sou tão burra assim. Não quero que minha filha vá junto comigo para passar o que eu passar, não. Primeiro eu vou lá fazer a linha, ver como é que é, estudar ele [marido] e, dependendo, venho e levo a minha filha (brasileira, 24 anos, massagista, uma filha).

Além dos filhos e, eventualmente, de outros familiares mais próximos, as migrações associadas aos casamentos com os europeus geram condições para o deslocamento de outras pessoas da rede social das mulheres. De forma mais indireta também propiciam trânsitos, sobretudo turísticos, em sentido contrário, rumo ao Brasil, de elementos da rede social dos seus maridos. Num efeito bola de neve, ganham forma, deste modo, cadeias de mobilidades nas quais se sucedem novos fluxos e novas alianças conjugais euro-brasileiras.

Mais do que agências ou redes especializadas, os círculos de parentes, amigos ou simples conhecidos constituem, em Ponta Negra, o espaço social central na intermediação dos relacionamentos de intimidade e dos deslocamentos transatlânticos. A título de exemplo, lembro-me de como o matrimônio entre uma brasileira e um norueguês desencadeou uma série de relacionamentos entre membros dos seus círculos sociais e, assim, a sucessiva incorporação de mais pessoas nos trânsitos entre o Nordeste do Brasil e a Noruega. Essa brasileira apresentou a sua irmã a um amigo do marido da cidade norueguesa de Molde: os dois vieram a se casar e ela acabou por se mudar para junto do cônjuge. As duas irmãs e os respectivos agregados moram agora na mesma rua. Através destes dois casais, duas primas das esposas no Brasil e dois amigos noruegueses dos maridos iniciaram relacionamentos que, à semelhança dos anteriores, poderão culminar em casamento e na mobilidade migratória feminina para a Noruega. Estas cadeias migratórias, que envolvem sobretudo familiares e amigas das mulheres migrantes, constituem importantes suportes sociais na gestão das comuns dificuldades de adaptação à Europa. Segundo o testemunho de uma psicóloga brasileira que prestou aconselhamento na Suíça a imigrantes seus concidadãos, sobretudo a mulheres que lhe eram encaminhadas pela ONG

Wisdonna Migrantinnen (Berna), estas dificuldades não estão necessariamente relacionadas com os cônjuges e a vida familiar. Em muitos casos, decorrem do inevitável choque cultural inerente à mudança para o continente europeu.

Quando os problemas de adaptação à Europa se revelam inultrapassáveis e não existe instabilidade na relação conjugal, a mudança do casal para o Brasil, em definitivo ou num regime de sazonalidade, é quase sempre uma possibilidade. No entanto, não é muito frequente esta questão ser ponderada tardiamente, já numa fase avançada do processo que, de forma articulada, contempla o casamento, a migração e o acesso à cidadania europeia. Geralmente, as longas estadias femininas prospectivas e probatórias, de que falava atrás, permitem às mulheres (e aos seus cônjuges) formular, previamente, uma ideia aproximada sobre a maior ou menor facilidade de adaptação à vida no país europeu em causa e, em função dessa avaliação e de outros fatores (*v.g.* socio-profissionais), organizar uma determinada estratégia de mobilidade e residência. Como vimos, essa estratégia passa, na maior parte das vezes, pelo deslocamento feminino. Porém, como existe uma grande flexibilidade nestas configurações transnacionais de aliança e mobilidade, nem sempre (ou para sempre) é assim. Logo no início da constituição do casal ou, eventualmente, depois de algum tempo a viver na Europa, a opção poderá passar pela migração masculina para o Brasil ou por sazonalidades intercaladas nos dois lados do Atlântico.

CASAR E MORAR NOS TRÓPICOS

Alguns homens europeus, fruto de sucessivas e prolongadas visitas a Ponta Negra, constroem vínculos com o lugar que ultrapassam claramente o quadro da experiência turística e geram intensos sentimentos de pertença. Não é de admirar, portanto, que parte destes visitantes passem de simples turistas a turistas-residentes e a imigrantes (ou *chegantes*¹⁰), em especial quando desenvolvem relações com mulheres locais. Seja ou não por razões conjugais, o mesmo acontece noutros cenários turísticos internacionais, inclusive na Europa (Barretto, 2009; O'Reilly, 2003). Esta metamorfose de mobilidades nos mostra como podem ser fluidas e variáveis as fronteiras entre *hosts* e *guests* (Smith, 1989), e deixa perceber que o turismo e as migrações são, frequentemente, fluxos articulados e sujeitos a complexos hibridismos (Janoschka e Haas, 2013). Por outro lado, e considerando algumas das suas principais causas, mostra-nos que os homens também migram

por motivos passionais e familiares e não somente por razões de ordem económica, como tende a ser assumido nos estudos migratórios neo-clássicos (Horevitz, 2009). Apesar de muito associadas ao feminino nos discursos das ciências sociais, as ditas migrações matrimoniais também envolvem um número considerável de homens, como salientam Niedomysl, Östh e Ham (2010) a propósito dos casamentos transnacionais na Suécia.

O reconhecimento da importância de aspectos da esfera da intimidade e da família na afluência de *chegantes* europeus a Ponta Negra não significa, tal como já disse sobre as brasileiras que fazem o percurso inverso, a não admissão de muitas outras razões que se articulam num denso quadro de geometria variável e, em certa medida, tornam redutor o próprio conceito de *marriage migrations*. Desde já, identifico também razões económicas e razões que remetem para o estilo de vida e o ordenamento da própria sociedade de origem¹¹. Isto quer dizer que as migrações em causa são, simultaneamente, matrimoniais, patrimoniais e “civilizacionais”. A aliança com mulheres locais e a mudança de residência é, na maioria dos casos, indissociável de um amplo conjunto de expectativas que integra o trabalho, o investimento, o lazer e a organização e fruição do cotidiano. São expectativas que os próprios, por comparação com os seus países de origem, julgam mais facilmente concretizáveis e conjugáveis no Brasil, podendo, assim, assegurar-lhes vantagens materiais e, ao mesmo tempo, possibilidades de um estilo de vida *simples* e *calmo* que creem já não ser possível na *civilização europeia*, como me disse um advogado italiano de 48 anos, saturado da vida em Milão e desejoso de poder mudar-se em definitivo para os trópicos.

A presença de imigrantes europeus é facilmente perceptível em todo o bairro de Ponta Negra, bastando, para tal, entrar nos restaurantes, lojas, pousadas, locais de diversão noturna e demais espaços comerciais aí existentes. No entanto, é na orla da praia que essa presença é mais expressiva, sobretudo na faixa correspondente à Zona Especial Turística-1 (ZET-1), coração das atividades turísticas e excelente exemplo das *postnational zones* a que se refere Inda (2000). O mapeamento que fiz de todos os estabelecimentos comerciais desta área mostra que muitos estão a ser explorados por europeus, uns como titulares dos imóveis, outros na condição de arrendatários. Dos 208 estabelecimentos que pude identificar, 45 pertenciam a europeus (sobretudo a italianos), por vezes em regime de sociedade de dois, três ou mais sócios, alicerçada em laços de nacionalidade e de amizade. Apenas quatro destes estabeleci-

mentos eram de imigrantes não europeus¹². Os restantes eram de cidadãos brasileiros. Na sua esmagadora maioria, os titulares de nacionalidade europeia eram homens e estavam casados, em união de fato ou tinham uma relação próxima da conjugalidade com mulheres brasileiras que, salvo poucas exceções, colaboravam com os companheiros nos cotidianos de trabalho. Somente 12 europeus não se enquadravam nesta situação: oito estavam acompanhados pelas suas parceiras europeias, dois não tinham ainda relacionamentos duradouros, um estava divorciado e, num outro caso distinto, a titularidade da atividade pertencia a uma mulher italiana.

À exceção de uma dezena de empreendimentos (*v.g.* hoteleiros) com uma dimensão substancial, as demais atividades pertencentes a europeus não atingem grande escala empresarial. Destacam-se os restaurantes, as pousadas e os *pontos* de internet e telefone. Predomina, portanto, o pequeno/médio investimento, através do qual são mobilizadas poupanças para negócios que uma boa parte destes imigrantes, com igual volume de capital, dificilmente poderia implantar nos países de origem. Por vezes, os investimentos são tão baixos que nem chegam aos R\$150.000,00 exigidos como quantia mínima para a concessão do chamado “visto permanente para investidor estrangeiro – pessoa física”. Nestes casos, o casamento – mesmo quando representa, como é comum acontecer, a expressão formal dos laços afetivos entre as partes – não deixa de constituir uma solução alternativa conveniente, permitindo aos *gringos* que não têm grande capacidade financeira a obtenção imediata da autorização de permanência no Brasil e, passado um ano, a possibilidade de solicitar a naturalização. É que os cidadãos pouco abastados dos países ricos, como é o caso de alguns dos meus informantes europeus, também estão sujeitos a fronteiras e a políticas de nacionalidade subjugadas à tirania de critérios econômicos que podem empurrá-los para a condição de “ilegais”.

Geralmente para os mais novos e em situações laborais pouco atrativas, a mudança transatlântica para o Nordeste brasileiro acaba por ser também uma saída para a precariedade. A muitos deles abre-lhes a oportunidade de passar de empregados insatisfeitos e mal remunerados na Europa a donos do seu próprio (pequeno) negócio no Brasil, sem o esforço financeiro que teriam que fazer nos países de origem. Era com esta perspectiva que um turista italiano (34 anos, eletricitista) preparava a sua mudança para Ponta Negra para, em conjunto com a namorada brasileira, arrendar um espaço e abrir aí um pequeno res-

taurante. Além de vários outros motivos, justificou esta opção dizendo-me que estava descontente com o seu cotidiano profissional e a condição econômica em Itália: “É sempre trabalho, trabalho, trabalho para nada. Com tantos impostos e tudo tão caro, o dinheiro desaparece!”.

Para outros europeus, à partida numa situação de maior prosperidade financeira, a mudança para o Brasil configura novas oportunidades de aplicação das suas economias e /ou de realocação do capital entretanto realizado com a venda de estabelecimentos comerciais e de outros bens de que eram proprietários na Europa. O deslocamento transnacional de recursos financeiros tem, geralmente, um efeito multiplicador da sua capacidade econômica, permitindo-lhes iniciar uma atividade, eventualmente similar ou próxima da anterior, diversificar os investimentos e melhorar o nível de vida. Imigrante em Ponta Negra há cerca de seis anos, onde tem uma pequena loja de acesso à internet e de telecomunicações – na qual também trabalha a sua companheira natalense –, um catalão (50 anos, ex-proprietário de um restaurante em Barcelona) destacava, justamente, como a mudança de Espanha para o Brasil lhe assegurou uma extraordinária ampliação da capacidade aquisitiva: “O que fazes com 200.000 em Barcelona? Nada! Nem dá para comprar uma casa. Aqui compras três ou quatro apartamentos: um para ti e os outros para arrendar. E ainda te sobra algum dinheiro para pôr no banco a render a 7%”. Mas, além das questões mais específicas do campo econômico, deu-me a entender, logo a seguir, que a sua mudança para o Brasil teve subjacente um quadro de variáveis mais vasto e complexo, do qual também fazem parte a intimidade, a ecologia física e social do contexto e o regime sensorial a ele associado: “Eu gosto do calor, do sol... de ver as ‘chicas’ na praia, alegres e de fio dental. Na Europa andam todas cobertas [agasalhadas], sempre tristes, sempre com ‘mala cara’. Calor é alegria!”.

A valorização de aspectos extraeconômicos na mudança para o Brasil é de tal ordem que muitos, além dos habituais motivos de ordem passional e conjugal, colocam no topo da hierarquia das suas razões a insatisfação com os seus estilos de vida na Europa e o fascínio, historicamente configurado (Gomes 2010, 2013; Stolcke, 2006), pelo exotismo de um contexto no qual vislumbram a promessa de uma outra vida. Remetendo à procura de *a better way of life*, o seu deslocamento migratório revela características do que já é designado nas ciências sociais por *lifestyle migration* (Benson e O’Reilly, 2009; Janoschka e Haas, 2013). O testemunho que se segue é esclarecedor da importância das expectativas de

transfiguração transversal da vida cotidiana, desde a intimidade às rotinas de trabalho, que acompanham a partida de Itália para Ponta Negra:

Na Itália e em quase toda a Europa nós somos apenas peças do sistema. Trabalhamos, trabalhamos e não temos tempo para apreciar a vida, para falarmos com os amigos, para namorar. Ganhamos dinheiro, às vezes muito dinheiro, mas não temos tempo para o gastar. E também não o queremos gastar. Estamos sempre a pensar no futuro. Temos de nos sacrificar a pensar no futuro; temos de poupar. Esquecemos que podemos morrer ou até ficar sem nada de um momento para o outro, como aconteceu aqui ao lado na Argentina. Eu estava farto dessa vida. Cada vez me sentia mais escravo do trabalho. [...] E quando não estava a trabalhar, as preocupações com assuntos do trabalho eram muitas. Parece que tudo isso estava sempre presente. O desgaste era muito grande. Quando vim aqui ao Brasil [ainda como turista], vi que havia outras formas de viver a vida (imigrante italiano, inicialmente turista, 34 anos, sócio de uma pequena pousada arrendada).

Aos múltiplos atrativos que estimulam a migração dos homens europeus acresce, por vezes, a firme vontade das suas namoradas ou esposas locais de permanecer em Ponta Negra, seja pelos filhos, pelas imagens pouco apelativas da Europa, anteriores experiências transatlânticas negativas ou, mais raramente, pela carreira profissional. Esta é, aliás, uma vontade que tem um certo acolhimento entre a generalidade dos companheiros. Não só porque muitos deles manifestam (por eles próprios) a disposição de abandonar os seus países, como também pelo fato de considerarem que a mulher do Brasil muda significativamente depois de sair do ambiente tropical e, ainda, em alguns casos, por anteciparem que a vida conjugal com uma brasileira na Europa iria causar a ambos constrangimentos sociais difíceis de ultrapassar. Desde logo, pelas representações de carácter sexual presentes em muitos países europeus sobre o Brasil, em particular sobre o Brasil no feminino (Gomes, 2013; Padilla, 2007; Pontes, 2004). A opção pela residência em Ponta Negra não lhes garante, todavia, a imunidade face a esses e a demais constrangimentos. As relações transnacionais, mesmo quando enquadradas no formato de casal, também não deixam de ser alvo de alguns estigmas e preconceitos.

À semelhança do que acontece noutros fluxos migratórios, as expectativas que informam a mobilidade masculina transatlântica são permeadas por alguns descompassos cognitivos que, *a posteriori*, vão es-

barrar na realidade encontrada. Apesar da experiência acumulada como turistas, os *chegantes* europeus confrontam-se com situações imponderáveis e, amiúde, experimentam dificuldades e desencantos que os levam a reformular o anterior olhar turístico, romantizado por definição (Urry, 1996). Algumas das situações que lhes geram maior desconforto situam-se no campo da conjugalidade e família. Ouvi-os, por exemplo, a se queixar da alegada falta de empenho, método e rigor das suas parceiras brasileiras em questões laborais e de economia doméstica. Ouvi-os, também, a se declarar saturados por *levar com toda a família* das companheiras, estando obrigados – à luz das concepções locais de parentesco e, acima de tudo, sendo *gringos* – a resolver problemas e assumir vários encargos de familiares mais e menos próximos.

No entender da generalidade dos imigrantes europeus que conheci, as *coisas seriam diferentes* se o casal estivesse a morar na Europa, embora reconheçam que aí, além desses mesmos *problemas* não se extinguirem por completo, teriam de lidar com os *novos problemas* que um cenário diferente lhes colocaria. Estas e outras situações adversas, não exclusivamente vinculadas ao espaço doméstico e à intimidade conjugal e familiar, retiram alguma sustentação das suas concepções (ultra)idílicas do Brasil iniciais e os levam a *cair na real*, como muitos já aprenderam a dizer. A desilusão gerada pela divergência entre o que se imaginou como vida alternativa e aquilo que se vive – entre as ilusões do emigrante e os sofrimentos do imigrante, para usar os termos de Sayad (1999) – podem suscitar a reponderação e calibragem do projeto migratório (e conjugal) e, no limite, o regresso à Europa, com ou sem a companheira.

CASAIS EM ITINERÂNCIA E SAZONALIDADE

Por razões econômicas, profissionais e familiares, problemas de adaptação ou estilo de vida, alguns casais euro-brasileiros adotam estratégias de gestão da sua transnacionalidade que contemplam vaivéns sazonais regulares entre o continente europeu e a região natalense. Embora sem a expressão empírica dos arranjos baseados na migração de uma das partes (sobretudo a feminina) para o país da outra, estes casais não deixam de ser reveladores da diversidade de formatos conjugais e residenciais, assim como da complexidade de práticas de mobilidade insubordináveis à estrita dicotomia turismo *versus* migrações. Enquadrados, como tantos outros, pelo casamento ou por formas de conjugalidade mais informais, o que, de fato, os torna singulares no

contexto em causa é o modo como se organizam no espaço e no tempo, não recorrendo a deslocamentos migratórios definitivos. Ao invés da generalidade dos demais casais transnacionais formados a partir de Ponta Negra, não se estabelecem em exclusivo num dos lados do Atlântico e, em alguns casos, os seus membros nem sempre vivem juntos, partilhando em permanência e presencialmente o mesmo cotidiano. Olhando para as suas especificidades, é possível distinguir sobretudo dois regimes de coabitação e residência: “alternado” e “intermitente”, para usar os termos de Caradec (1996). A persistência temporal de ambos os regimes é bastante variável. Podem projetar-se a longo prazo como soluções quase definitivas ou, pelo menos, circunscritas a um horizonte de tempo indefinido. Podem, pelo contrário, ser assumidos como arranjos provisórios de curto ou médio prazo até estarem reunidas condições para a migração feminina ou masculina de que falava antes.

O primeiro regime caracteriza-se pela convivência constante do casal sob o mesmo teto, ainda que, ao longo do ano, transite entre diferentes domicílios, intercalando permanências sazonais no Brasil e na Europa. É esta a disposição residencial adotada por um agregado constituído por um sueco de 68 anos, uma brasileira de 29 anos e os dois filhos pequenos de ambos. Com uma casa em frente à praia de Ponta Negra e uma outra em Estocolmo, a família passa cerca de metade do ano nos trópicos, sensivelmente de outubro a março, e a outra metade em terras nórdicas. A avaliar pela qualidade da moradia brasileira e do seu interior, encontram-se numa situação econômica confortável. Apesar de tudo, durante o tempo que estão em Ponta Negra, no período que corresponde à *época alta* do turismo local, arrendam informalmente cinco quartos situados no piso superior da habitação, cada qual por um valor mensal na ordem dos R\$1.000,00.

No segundo regime, os parceiros não adotam uma coabitação permanente, continuando, todavia, a autodefinir-se como casal. Esta ausência de partilha presencial e cotidiana de um mesmo espaço, em especial quando a distância é muito significativa e/ou a duração do tempo em conjunto é menor que a do tempo de afastamento, faz lembrar o modelo de intimidade conjugal *living apart together* (LAT) (Holmes, 2010; Levin, 2004)¹³, caracterizando-se pela vinculação do duo sentimental, casado ou não, a diferentes unidades residenciais. O ordenamento da sua convivência assenta na sucessiva alternância de temporadas de alguns meses em conjunto com temporadas em que vivem separados: ele

na Europa, ela no Brasil. Na manutenção da conjugalidade à distância, fazem usos intensivos e criativos das novas tecnologias globais de comunicação. Os reencontros realizam-se mediante deslocamentos periódicos transnacionais de uma das partes, sendo a maioria destes trânsitos realizada pelos europeus.

A título de exemplo, partilho aqui, sumariamente, a organização de dois casais que mantêm há anos este modelo de intermitência corresponsável. Num deles, o homem, com 65 anos, há mais de uma década passa o tempo viajando entre a Itália e o Brasil. No seu país tem negócios no setor da construção e, em Ponta Negra, uma unidade hoteleira. Durante o tempo em que se encontra na Europa, este empreendimento é gerido pela sua companheira, uma mulher local de 35 anos que, na época em que se conheceram, era vendedora na praia enquanto ele se encontrava em Ponta Negra como turista. No segundo caso, um italiano de 62 anos (aposentado, mas fazendo ainda pequenos trabalhos de construção civil na Itália), embora sem um vínculo econômico transatlântico como o seu concidadão anterior, passa cerca de seis meses do ano no Brasil, repartidos em duas ou três estadias. Há quase cinco anos que assim acontece, sensivelmente desde que começou uma relação mais estável com uma jovem natalense (25 anos, antes fazia *programas*, agora estuda na universidade), com quem vai ter um filho. Durante a sua permanência em Ponta Negra, os dois moram juntos. Quando regressa à Itália, a companheira volta para a casa da mãe. Ele envia-lhe dinheiro todos os meses para assegurar o pagamento dos estudos e demais encargos.

Os regimes de coabitação e residência que acabei de analisar têm subjacentes práticas de mobilidade que os casais transnacionais vão adotando, de forma pragmática e reflexiva, em função de projetos, prioridades e imprevistos que decorrem de quadros pessoais e sociais complexos, compostos por articulações variáveis de elementos sentimentais, familiares, econômicos, laborais, de lazer, entre outros¹⁴. As configurações dos fluxos transatlânticos destes casais deixam perceber estratégias de gestão flexível do espaço e do tempo, para as quais muito têm contribuído os progressos nos transportes e nas comunicações, juntamente com as novas formas de organização do trabalho e da produção de que as ciências sociais nos têm dado conta (Caulkins e Jordan, 2012; Kjaerulff, 2010). Graças à internet e à possibilidade de desenvolver o seu trabalho à distância, um publicitário alemão de 30 anos passa grande parte do ano junto da companheira brasileira em

Ponta Negra. Tendo em vista, também, passar largas temporadas ou mesmo estabelecer-se em definitivo no Brasil com a futura esposa e os filhos desta, um italiano de Aosta (38 anos, ainda a trabalhar numa empresa de entregas), criou uma agência de viagens virtual, que lhe permitirá *trabalhar em qualquer lugar do mundo*, como ele próprio fez questão de salientar.

Os sucessivos deslocamentos e estadias sazonais intercalados, dos casais ou de um dos seus membros, instauram ordenamentos de aliança em trânsito e multissituados, numa estreita interconexão entre mobilidade e conjugalidade (Sacramento, 2016a). Constituem, por isso, o exemplo em que melhor se vislumbra a distensão dos vínculos conjugais e residenciais transatlânticos, bem como a plasticidade da organização da cidadania e da intimidade num mundo marcado, sobretudo para alguns, por condições de grande flexibilidade (Inda, 2000; Ong, 2006).

CONCLUSÃO

Suscitadas pelo turismo de massas e por processos de mercantilização dele decorrentes, boa parte das relações de intimidade entre turistas europeus e mulheres brasileiras em Ponta Negra não se esgotam na transitoriedade da experiência turística, nem mesmo na suposta efemeridade de contatos íntimos de natureza transacional. Com alguma frequência, essas relações estendem-se e intensificam-se em escalas de tempo-espço que extravasam o aqui e agora do encontro turístico, sendo mantidas à distância depois do regresso dos *gringos* à Europa e, gradualmente, consolidadas como projeto de casal. De tempos em tempos, é retomada a sua presencialidade, mediante sucessivas mobilidades de parte a parte, incluindo aqui estadias femininas mais ou menos prolongadas nos países dos parceiros. Com a mudança de contextos e circunstâncias iniciais (*v.g.* do Brasil turístico para a Europa da vida de todos os dias), é comum uns e outras confrontarem-se com situações inesperadas e decepcionantes não só em questões relacionadas a condições e estilos de vida, como também, e talvez ainda mais importante, em matéria de gênero e convivência íntima, o que não é surpreendente se considerarmos a profunda incompatibilidade das expectativas recíprocas: elas queixam-se e querem afastar-se de um tradicionalismo que é desejado pelos homens do continente europeu e anseiam por uma suposta modernidade de modelos de convivência entre gêneros de que, justamente, esses mesmos homens procuram fu-

gir. A ilusão inaugural, que atrai e congrega, pode, por isso, ceder lugar ao desencantamento e ao afastamento.

Os reencontros periódicos assemelham-se a estágios exploratórios e probatórios. Neles ponderam-se convergências e divergências interpessoais e (re)avaliam-se as possibilidades de concretização dos desejos, interesses e planos que, ao início, impulsionaram a aproximação passional. É aí que vai sendo decidido o futuro dos vínculos em causa, seja no sentido da ruptura, de uma certa continuidade ou do seu aprofundamento no sentido da conjugalidade. Esta última hipótese concretiza-se de forma gradual, através de arranjos variáveis que não passam, necessariamente, no imediato, pela institucionalização sob a forma de casamento. A constituição destas formações conjugais transnacionais no eixo euro-brasileiro que aqui considerei, à semelhança do que acontece noutros contextos à escala global, pressupõe certa plasticidade na organização da intimidade do casal e, inevitavelmente, algumas estratégias versáteis de mobilidade e residência. Estas estratégias implicam deslocamentos de um ou de ambos os cônjuges, e nem sempre se enquadram em modelos de análise assentes numa utilização rígida e antitética dos conceitos de turismo e migrações. A situação mais comum é a chamada “migração matrimonial” feminina para o país do companheiro europeu, ainda que de longe, menos frequente, o inverso também aconteça, bem como os sucessivos movimentos pendulares periódicos do casal ou, eventualmente, de apenas um dos seus elementos, entre as duas margens atlânticas, alternando estadias de alguns meses entre os trópicos e o Velho Continente.

Isto quer dizer que Ponta Negra não é apenas um local turístico. É, simultaneamente, uma plataforma de migrações de mulheres locais para a Europa, um contexto de atração de alguns trânsitos migratórios masculinos do continente europeu e, ainda, um lugar de origem e de destino de fluxos transatlânticos associados a estadias sazonais. Nestas mobilidades de natureza migratória, os projetos conjugais são centrais, mas não únicos, como a designação “migrações matrimoniais” parece sugerir. Não podemos esquecer que as razões do âmbito da conjugalidade coexistem com estratégias transnacionais de reprodução económica e mobilidade social e com a procura de novos estilos de vida. Os vínculos conjugais transatlânticos são expressões de imaginários cruzados do “outro” – forjados em correlações de economia política e identidade com grande densidade histórica (Gomes, 2013) –, de formas de atração mútua e de projetos diversos, refletindo, simulta-

neamente, a crescente reflexividade da intimidade (Beck e Beck-Gernsheim, 2004; Giddens, 2001), a insatisfação com identidades de gênero, a demanda de outros modos de convivência íntima e familiar, e o desejo de encontrar lugares e cotidianos de vida alternativos.

(Recebido para publicação em maio de 2015)

(Reapresentado em novembro de 2015)

(Aprovado para publicação em agosto de 2016)

NOTAS

1. As relações de intimidade euro-brasileiras e as mobilidades a elas associadas constituíram o objeto de estudo do trabalho para doutoramento em Antropologia que realizei em Ponta Negra e em vários contextos europeus (Sacramento, 2014). Nesta pesquisa beneficiei da bolsa SFRH/BD/60862/2009 da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT, Portugal), tendo tido como instituição de acolhimento o Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA). O centro de investigação em que atualmente estou integrado – Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento (CETRAD-UTAD) – é financiado por Fundos Europeus Estruturais e de Investimento, na sua componente FEDER, através do Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (COMPETE 2020) [Projeto nº 006971 (UID/SOC/04011)]; e por Fundos Nacionais através da FCT, no âmbito do projeto UID/SOC/04011/2013.
2. Antes de Ponta Negra, várias praias brasileiras do Rio de Janeiro (Blanchette e Silva, 2010) e da região nordestina (Piscitelli, 2004a), de outros países latino-americanos (Brennan, 2004; O’Connell-Davidson, 1996) e de países do Sudeste asiático (Cohen, 2003) já eram alvo de intensa sexualização internacional e estavam incluídas na geografia mundial da “transnacionalização da intimidade” (King, 2002).
3. Estes turistas são localmente conhecidos como *gringos*, termo usado um pouco por toda a América Latina para denominar os estrangeiros, em particular os ocidentais (Blanchette, 2001).
4. A este propósito e para outros contextos, vejam-se, entre outros, Adelman (2011), Lopes Júnior (2005), Piscitelli, Assis e Olivar (2011), Riaño e Baghdadi (2007), Rivers-Moore (2011) e Zelizer (2005).
5. Nestas categorias de interseção destaca-se, desde logo, o gênero como construção social permeada por determinados quadros simbólicos e normativos que se articulam com a diferença sexual enquanto diferença política e instituem relações de poder assimétricas entre homens e mulheres (Scott, 1989; Pateman, 1993). A partir de meados dos anos de 1990, no seio do debate feminista, começou a manifestar-se uma preocupação crescente em mostrar o gênero como estando densamente imbricado noutras categorias que importa convocar para a discussão das diferenças e desigualdades sociais (McClintock, 1995).
6. Estas são características de convivência muito associadas por elas aos europeus, em contraposição ao *homem brasileiro* (em particular, o *nordestino*), que tende a ser retratado de forma negativa como machista, *raparigueiro* (mulherengo, infiel), *grosso* (rude, insensível, pouco romântico) e egoísta.
7. Elas com idades próximas dos 25-30 anos; eles com idades a pender para os 35-45 anos. No Brasil parece existir uma tendência cultural de opção feminina por homens mais velhos (*coroas*) desde a época colonial (Berquó, 1998), em particular entre mulheres das classes populares (Goldstein, 2003), como a maioria daquelas que acompanhei ao longo do trabalho de campo.
8. A sua flexibilidade à escala supranacional é indissociável do atual estado de desenvolvimento tecnológico, cujas inovações têm alterado o modo como construímos relações sociais e organizamos os nossos cotidianos de trabalho, de lazer e de intimidade pessoal e familiar (Lemos, 2009; Urry, 2007).

9. São casamentos considerados fraudulentos, alvo de um vasto conjunto de qualificações e designações sociais internacionais: brancos, fictícios, simulados, arrançados, *green card marriages*, de conveniência, de complacência, de fachada, de *aluguel*.
10. Terminologia de origem popular usada por Neverovsky (2005) para se referir às pessoas que se estabelecem em Ponta Negra vindas de outros estados brasileiros e de fora do país.
11. Em um ou outro caso sobressaem, ainda, circunstâncias problemáticas de ordem judicial, financeira ou familiar como fatores decisivos na decisão de emigrar e abandonar a Europa.
12. O conjunto de imigrantes de países europeus, com italianos e portugueses no topo, assume, aliás, uma posição de destaque quando se considera todo o estado do Rio Grande do Norte. Este cenário contrasta, nitidamente, com o panorama global da imigração no Brasil, em que sobressaem três países não europeus (EUA, Japão e Paraguai) no pódio das principais geografias de origem dos fluxos migratórios (IBGE, 2012).
13. Em regra, os condicionamentos inerentes à carreira profissional são identificados como fatores determinantes dos relacionamentos à distância. Porém, num quadro de análise transnacional como o que é aqui considerado, existem várias outras condicionantes tão ou mais influentes, como é o caso da filiação resultante de relacionamentos anteriores.
14. Não é fácil, nem aconselhável, por isso, associar esses regimes a tipologias rígidas (v.g. turismo, migrações), em especial se operacionalizadas numa lógica dicotômica estrita de exclusão recíproca.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABOIM, Sofia. (2009), "Da Pluralidade dos Afetos: Trajetórias e Orientações Amorosas nas Conjugalidades Contemporâneas". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 24, nº 70, pp. 107-122.
- ADELMAN, Miriam. (2011), "Por Amor ou por Dinheiro? Emoções, Discursos, Mercados". *Contemporânea: Revista de Sociologia da UFSCar*, vol. 1, nº 2, pp. 117-138.
- BARRETTO, Margarita. (2009), "Interfaces Entre Turismo e Migrações: Uma Abordagem Epistemológica". *Pasos – Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, vol. 7, nº 1, pp. 1-11.
- BECK, Ulrich; BECK-GERNSHEIM, Elisabeth. (2004), *The Normal Chaos of Love*. Cambridge, Polity Press.
- BENSON, Michaela; O'REILLY, Karen (orgs.). (2009), *Lifestyle Migration: Expectations, Aspirations and Experiences*. Farnham, Ashgate.
- BERQUÓ, Elza. (1998), "Arranjos Familiares no Brasil: Uma Visão Demográfica", in L. Schawrcz (org.), *História da Vida Privada no Brasil: Contrastes da Intimidade Contemporânea*. São Paulo, Companhia das Letras, pp. 411-438.
- BIGNAMI, Rosana. (2002), *A Imagem do Brasil no Turismo*. São Paulo, Aleph.
- BLANCHETTE, Thaddeus. (2001), *Gringos*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- . (2005), "'Is it a Real Marriage?': Imigração e Casamentos Entre Brasileiros e Anglo-Americanos", in H. Neto; A. Ferreira (orgs.), *Cruzando Fronteiras Disciplinares: Um Panorama dos Estudos Migratórios*. Rio de Janeiro, Revan, pp. 133-154.
- ; SILVA, Ana. (2010), "'A Mistura Clássica': Miscigenação e o Apelo do Rio de Janeiro como Destino para o Turismo Sexual". *Bagoas*, vol. 4, nº 5, pp. 221-244.
- BRENNAN, Denise. (2002), "Selling Sex for Visas: Sex Tourism as Stepping Stone to International Migration for Dominican Women", in B. Ehrenreich; A. Hochschild (orgs.), *Global Women: Nannies, Maids, and Sex Workers in the New Economy*. New York, Metropolitan Books, pp. 154-168.
- . (2004), *What's Love Got to do With it? Transnational Desires and Sex Tourism in the Dominican Republic*. Durham/London, Duke University Press.
- BRUNER, Edward. (2005), *Culture on Tour: Ethnographies of Travel*. Chicago, University of Chicago Press.
- CARADEC, Vincent. (1996), "Les Formes de la Vie Conjugale des 'Jeunes' Couples 'Agés'". *Population*, vol. 51, nºs 4-5, pp. 897-927.
- CAULKINS, Douglas; JORDAN, Ann (orgs.). (2012), *A Companion to Organizational Anthropology*. Chicester, Wiley-Blackwell.
- COHEN, Erik. (2003), "Transnational Marriage in Thailand: The Dynamics of Extreme Heterogamy", in T. Bauer; B. McKercher (orgs.), *Sex and Tourism: Journeys of Romance, Love and Lust*. New York, Haworth Press, pp. 57-81.
- . (1986), "Lovelorn Farangs: The Correspondence between Foreign Men and Thai Girls". *Anthropological Quarterly*, vol. 59, nº 3, pp. 115-127.

- CONSTABLE, Nicole. (2003), *Pen Pals, Virtual Ethnography, and 'Mail Order' Marriages: Romance on a Global Stage*. Berkeley, University of California Press.
- . (2009), "The Commodification of Intimacy: Marriage, Sex, and Reproductive Labor". *Annual Review of Anthropology*, vol. 38, nº 1, pp. 49-64.
- (org.). (2005), *Cross-Border Marriages: Gender and Mobility in Transnational Asia*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press.
- D'AOUST, Anne-Marie. (2012), "Les Couples Mixtes Sous Haute Surveillance". *Plein Droit*, vol. 4, nº 95, pp. 15-18.
- FLEMMEN, Anne. (2008), "Transnational Marriages: Empirical Complexities and Theoretical Challenges. An Exploration of Intersectionality". *NORA, Nordic Journal of Feminist and Gender Research*, vol. 16, nº 2, pp. 114-129.
- GARCÍA, Purificación. (2006), "Matrimonios de Complacencia: Una Realidad". *Revista de la Facultad de Ciencias Sociales y Jurídicas de Elche*, vol. 1, nº 1, pp. 12-28.
- GEERTZ, Clifford. (1997), *O Saber Local: Novos Ensaios em Antropologia Interpretativa*. Petrópolis, Vozes.
- GIDDENS, Anthony. (2001), *Transformações da Intimidade: Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas*. Oeiras, Celta.
- GOLDSTEIN, Donna. (2003), *Laughter out of Place: Race, Class, Violence, and Sexuality in a Rio Shantytown*. Berkeley, University of California Press.
- GOMES, Mariana. (2010), "A (Des)(re)construção do Brasil como um Paraíso de Mulas". *Revista Eletrônica de Turismo Cultural* [online], vol. 4, nº 2, pp. 48-70. Disponível em http://www.eca.usp.br/turismocultural/8.03_Mariana_Selister.pdf. Acesso em 26/4/2011.
- . (2013), "O Imaginário Social 'Mulher Brasileira' em Portugal: Uma Análise da Construção de Saberes, das Relações de Poder e dos Modos de Subjetivação". *DADOS – Revista de Ciências Sociais*, vol. 56, nº 4, pp. 867-900.
- GRASSI, Marzia. (2006), "Formas Migratórias: Casar com o Passaporte no Espaço Schengen. Uma Introdução ao Caso de Portugal". *Etnográfica*, vol. 10, nº 2, pp. 283-306.
- HOLMES, Mary. (2010), "Intimacy, Distance Relationships, and Emotional Care". *Recherches Sociologiques et Anthropologiques*, vol. 41, nº 1, pp. 105-123.
- HONDAGNEU-SOTELO, Pierrette; AVILA, Ernestine. (1997), "'I'm Here, But I'm There': The Meanings of Latina Transnational Motherhood". *Gender and Society*, vol. 11, nº 5, pp. 548-571.
- HOREVITZ, Elizabeth. (2009), "Understanding the Anthropology of Immigration and Migration". *Journal of Human Behavior in the Social Environment*, vol. 19, nº 6, pp. 745-758.
- IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). (2012), *Censo Demográfico 2010: Nupcialidade, Fecundidade e Migração*. Rio de Janeiro, IBGE.
- INDA, Jonathan. (2000), "A Flexible World: Capitalism, Citizenship, and Postnational Zones". *PoLAR – Political and Legal Anthropology Review*, vol. 23, nº 1, pp. 86-102.
- JANOSCHKA, Michael; HAAS, Heiko (orgs.). (2013), *Contested Spatialities, Lifestyle Migration and Residential Tourism*. Abingdon, Oxon, Routledge.

- JONES, Gavin. (2012), "Marriage Migration in Asia: An Introduction". *Asian and Pacific Migration Journal*, vol. 21, nº 3, pp. 287-290.
- KEMPADOO, Kamala. (2004), *Sexing the Caribbean: Gender, Race and Sexual Labor*. New York, Routledge.
- KIM, Minjeong. (2010), "Gender and International Marriage Migration". *Sociology Compass*, vol. 4, nº 9, pp. 718-731.
- KING, Russell. (2002), "Towards a New Map of European Migration". *International Journal of Population Geography*, vol. 8, nº 2, pp. 89-106.
- KJAERULFF, Jens. (2010), *Internet and Change: An Ethnography of Knowledge and Flexible Work*. Højbjerg, Intervention Press.
- LEMOES, André. (2009), "Cultura da Mobilidade". *Revista Famecos*, vol. 1, nº 40, pp. 28-35.
- LEVIN, Irene. (2004), "Living Apart Together: A New Family Form". *Current Sociology*, vol. 52, nº 2, pp. 223-240.
- LIMA, Antônia; TOGNI, Paula. (2012), "Migrando por um Ideal de Amor: Família Conjugal, Reprodução, Trabalho e Gênero". *Ipotesi: Revista de Estudos Literários*, vol. 16, nº 1, pp. 135-144.
- LOPES JÚNIOR, Edmilson. (2005), "Amor, Sexo e Dinheiro: Uma Interpretação Sociológica do Mercado de Serviços Sexuais". *Política & Sociedade*, vol. 4, nº 6, pp. 165-193.
- LU, Melody. (2005), "Commercially Arranged Marriage Migration: Case Studies of Cross-Border Marriages in Taiwan". *Indian Journal of Gender Studies*, vol. 12, nºs 2-3, pp. 275-303.
- MACHADO, Igor. (2009), *Cárcere Público: Processos de Exotização entre Brasileiros no Porto*. Lisboa, ICS.
- MARCUS, George. (1995), "Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi-Sited Ethnography". *Annual Review of Anthropology*, vol. 24, nº 1, pp. 95-117.
- MCCLINTOCK, Anne. (1995), *Imperial Leather: Race, Gender and Sexuality in the Colonial Contest*. London, Routledge.
- MILLER, Daniel. (2011), *Tales from Facebook*. Cambridge, Polity Press.
- MICHEL, Franck. (2009), *Planeta Sexo. Turismo Sexuais, Mercantilização e Desumanização dos Corpos*. Porto, Campo das Letras.
- NEVEROVSKY, Catarina. (2005), *De Gata Borralheira a Cinderela: Nova Espacialidade Decorrente do Desenvolvimento Turístico, Diferenciada pelo Estilo de Vida em Ponta Negra, Natal, RN*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.
- NIEDOMYSL, Thomas; ÖSTH, John; HAM, Maarten. (2010), "The Globalization of Marriage Fields: The Swedish Case". *Journal of Ethnic and Migration Studies*, vol. 36, nº 7, pp. 1119-1138.
- O'CONNELL-DAVIDSON, Julia. (1996), "Sex Tourism in Cuba". *Race and Class*, vol. 38, nº 1, pp. 39-48.
- OLIVIER DE SARDAN, Jean-Pierre. (1995), "La Politique du Terrain. Sur la Production des Données en Anthropologie". *Enquête*, nº 1, pp. 71-109.

- ONG, Aihwa. (1999), *Flexible Citizenship: The Cultural Logics of Transnationality*. Durham, Duke University Press.
- . (2006), “Mutations in Citizenship”. *Theory, Culture & Society*, vol. 23, nºs 2-3, pp. 499-505.
- O'REILLY, Karen. (2003), “When is a Tourist? The Articulation of Tourism and Migration in Spain's Costa del Sol”. *Tourist Studies*, vol. 3, nº 3, pp. 301-317.
- PADILLA, Beatriz. (2007), “Brasileiras em Portugal: De la Transformación de las Diversas Identidades a la Exotización”. *Amérique Latine: Histoire & Mémoire* [online], nº 14, Disponível em <http://alhim.revues.org/2022>. Acesso em 14/5/2015.
- PALRIWALA, Rajni; UBEROI, Patricia. (2005), “Marriage and Migration in Asia: Gender Issues”. *Indian Journal of Gender Studies*, vol. 12, nºs 2-3, pp. v-xxix.
- PATEMAN, Carole. (1993), *O Contrato Sexual*. São Paulo, Terra e Paz.
- PIPER, Nicola. (2003), “Wife or Worker? Worker or Wife? Marriage and Cross-Border Migration in Contemporary Japan”. *International Journal of Population Geography*, vol. 9, nº 6, pp. 457-469.
- PISCITELLI, Adriana. (2001), *Entre a Prostituição e os Namoros de Verão: Gênero e Sexualidade no Contexto do Turismo Internacional*. Rio de Janeiro, Fapesp (Relatório Parcial de Pesquisa).
- . (2004a), “El Tráfico del Deseo: Interseccionalidades no Marco do Turismo Sexual no Nordeste do Brasil”. *Quaderns-e* [online], nº 4, pp. 1-15. Disponível em http://www.antropologia.cat/antiga/quaderns-e/04/04_03.htm#4. Acesso em 14/12/2011.
- . (2004b), “Exotismo e Autenticidade: Relatos de Viajantes à Procura de Sexo”, in M. C. Silva (org.), *Outros Trópicos: Novos Destinos Turísticos. Novos Terrenos da Antropologia*. Lisboa, Livros Horizonte, pp. 101-123.
- . (2008), “Interseccionalidades, Categorias de Articulação e Experiências de Migrantes Brasileiras”. *Sociedade e Cultura*, vol. 11, nº 2, pp. 263-274.
- . (2009), “Tránsitos: Circulación de Brasileñas en el Ámbito de la Transnacionalización de los Mercados Sexual y Matrimonial”. *Horizontes Antropológicos*, vol. 15, nº 31, pp. 101-136.
- ; ASSIS, Gláucia; OLIVAR, José (orgs.). (2011), *Gênero, Sexo, Amor e Dinheiro: Mobilidades Transnacionais Envolvendo o Brasil*. Campinas, Unicamp/Pagu.
- PONTES, Luciana. (2004), “Mulheres Brasileiras na Mídia Portuguesa”. *Cadernos Pagu*, nº 23, pp. 229-256.
- PRITCHARD, Annette; MORGAN, Nigel. (2000), “Privileging the Male Gaze: Gendered Tourism Landscape”. *Annals of Tourism Research*, vol. 27, nº 4, pp. 884-905.
- RAPOSO, Paulo; TOGNI, Paula. (2009), *Fluxos Matrimoniais Transnacionais entre Brasileiras e Portugueses: Gênero e Imigração*. Lisboa, ACIDI.
- RIANO, Yvonne. (2003), “Migration of Skilled Latin American Women to Switzerland and their Struggle for Integration”, in M. Yamada (org.), *Emigración Latinoamericana: Comparación Interregional entre América del Norte, Europa y Japón*. Osaka, Japan Centre for Area Studies, National Museum of Ethnology, pp. 313-343.

- ; BAGHDADI, Nadia. (2007), “‘Je Pensais que je Pourrais Avoir une Relation Plus Égalitaire Avec un Européen’. Le Rôle du Genre et de L’Imaginaire Géographique dans la Migration des Femmes”. *Nouvelles Questions Féministes*, vol. 26, nº 1, pp. 38-53.
- RIBEIRO, Fernando B.; SACRAMENTO, Octávio. (2009), “Imagens, Erotismo e Culturas *On the Road*: Perspectivas Sobre o Brasil como Destino Turístico”. *Configurações*, nº 5-6, pp. 241-255.
- RIVERS-MOORE, Megan. (2011), “Imagining Others: Sex, Race, and Power in Transnational Sex Tourism”. *ACME: An International E-Journal for Critical Geographies* [online], vol. 10, nº 3, pp. 392-411. Disponível em [http://www.acme-journal.org/vol10/Rivers-Moore 2011.pdf](http://www.acme-journal.org/vol10/Rivers-Moore%202011.pdf). Acesso em 11/9/2012.
- ROCA, Jordi. (2009), “‘Quien Lejos se Va a Casar...’: Migraciones (Re)negadas”. *Alteridades*, vol. 19, nº 37, pp. 133-155.
- . (2011), “Amores Glocles, Noviazgos Transnacionales. La Búsqueda Virtual de Pareja Mixta por Parte de Hombres Españoles”. *Revista de Antropología Social*, vol. 20, pp. 263-292.
- et al. (2008), *Amor Importado, Migrantes por Amor: La Constitución de Parejas entre Españoles y Mujeres de América Latina y de Europa del Este en el Marco de la Transformación Actual del Sistema de Género en España* [online]. Madrid, Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales – Instituto de la Mujer. Disponível em http://www.migualdad.es/mujer/mujeres/estud_inves/766.pdf. Acesso em 19/4/2015.
- SACRAMENTO, Octávio. (2014), *Atlântico Passional: Mobilidades e Configurações Transnacionais de Intimidade Euro-Brasileiras*. Tese (Doutorado em Antropologia), Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa. Disponível em <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/8790>.
- . (2015a), “Vida Boa e História de Amor: Desígnios Femininos Ante Turistas Europeus no Nordeste Brasileiro”, in Ó. Fernández (org.), *Mujeres en Riesgo de Exclusión Social: Una Perspectiva Transnacional*. Madrid, McGraw-Hill, pp. 123-135.
- . (2015b), “From Europe with Passion: Frameworks of the Touristic Male Desire of Ponta Negra, in the North-East of Brazil”. *Current Issues in Tourism*. Disponível em <http://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13683500.2015.1056517>. SACRAMENTO, Octávio. Acesso em 23/10/2015).
- . (2016a), “Migrações, Conjugalidade e Projectos de Vida Transnacionais”. *CADERNOS Mateus DOC-IX*, nº 9, pp. 96-107.
- . (2016b), “Localizações e Itinerâncias: Crónica de um Trabalho de Campo Transatlântico”, in H. Martins; P. Mendes (orgs.), *Trabalho de Campo: Envolvimento e Experiências em Antropologia*. Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, pp. 179-199.
- SAYAD, Abdelmalek. (1999), *La Double Absence: Des Illusions de l’Émigré aux Souffrances de l’Immigré*. Paris, Seuil.
- SCOTT, Joan. (1989), *Gender: A Useful Category of Historical Analyses. Gender and the Politics of History*. New York, Columbia University Press.
- SIBILIA, Paula. (2008), *O Show do Eu: A Intimidade como Espetáculo*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

- SMITH, Valene (org.). (1989) [1977], *Hosts and Guests: The Anthropology of Tourism*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press.
- STOLCKE, Verena. (2006). "O Enigma das Interseções: Classe, 'Raça', Sexo, Sexualidade. A Formação dos Impérios Transatlânticos do Século XVI ao XIX". *Estudos Feministas*, vol. 14, nº 1, pp. 15-42.
- TSENG, Yu-chin; CHENG, Isabelle; FELL, Dafydd. (2013), "The Politics of the Mainland Spouses' Rights Movement in Taiwan", in C. Keui-fen; D. Fell; L. Ping (orgs.), *Migration To and From Taiwan*. London, Routledge, pp. 205-226.
- URRY, John. (1996), *O Olhar do Turista: Lazer e Viagens nas Sociedades Contemporâneas*. São Paulo, Studio Nobel.
- . (2007), *Mobilities*. Cambridge, Polity Press.
- VEISSIÈRE, Samuel. (2011), *Ghosts of Empire: Sex, Mobility, and Violence in the Transatlantic Cultural Economy of Desire*. Berlin, LIT Verlag.
- YANG, Wen-Shan; LU, Melody (orgs.). (2010), *Asian Cross-Border Marriage Migration: Demographic Patterns and Social Issues*. Amsterdam, Amsterdam University Press.
- YEOH, Brenda; LENG, Chee; DUNG, Vu. (2013), "Commercially Arranged Marriage and the Negotiation of Citizenship Rights among Vietnamese Marriage Migrants in Multiracial Singapore". *Asian Ethnicity*, vol. 14, n Current Issues in Tourism 2, pp. 139-156.
- ZELIZER, Viviana. (2005), *The Purchase of Intimacy*. Princeton, Princeton University Press.

RESUMO

Conjugalidades Distendidas: Trânsitos, Projetos e Casais Transatlânticos

O artigo debate a constituição transatlântica de conjugalidades e mobilidades no quadro do encontro e aproximação passionais de turistas europeus e mulheres brasileiras no bairro de Ponta Negra, principal destino turístico internacional da cidade de Natal, no Nordeste brasileiro. A análise assume dois propósitos centrais: (i) perceber como alguns dos vínculos de intimidade iniciados no contexto do turismo de massas vão sendo mantidos à distância e consolidados como projetos de casal depois do regresso dos turistas à Europa; (ii) compreender as estratégias de gestão da mobilidade e residência que a manutenção desses vínculos e o seu aprofundamento no sentido da aliança pressupõem. A partir de um trabalho de campo etnográfico itinerante e multissituado, realizado nas duas margens atlânticas, os dados empíricos que sustentam a análise mostram que as conjugalidades e as mobilidades euro-brasileiras aqui consideradas estão intrinsecamente associadas a vinculações distendidas e flexíveis de intimidade, residência e, inclusive, de cidadania.

Palavras-chave: conjugalidades transnacionais; turismo; migrações; flexibilidade; Brasil-Europa

ABSTRACT

Transatlantic Couples: Convergence, Distance and Mobility

The following article discusses the transatlantic constitution of couples and their mobility in the framework of encounters and passionate convergences between European tourists and Brazilian women in the neighborhood of Ponta Negra, the main international tourist destination in the city of Natal in northeast Brazil. The analysis is structured by means of two central principles: (i) a gauging of how some of the intimate bonds forged in the context of mass tourism are maintained from a distance and further developed upon the tourists' return to Europe; (ii) and an understanding of strategies for managing the travel and residence solutions required by the maintenance of such bonds and their consolidation. By means of a roving and multi-location ethnographic study carried out on both sides of the Atlantic, empirical data sustaining the analysis demonstrates that the European-Brazilian couples and their degrees of mobility considered here are intrinsically associated with flexible and far-reaching bonds of intimacy, residency and, even, citizenship.

Key words: international couples; tourism; migrations; flexibility; Brazil-Europe

RÉSUMÉ

Conjugalités Distendues: Transits, Projets et Couples Transatlantiques

Cet article s'intéresse à constitution transatlantique de conjugalités et de mobilités dans le cadre de la rencontre et du rapprochement passionnel de touristes européens et de femmes brésiliennes dans le quartier de Ponta Negra, la principale destination touristique internationale de la ville de Natal, dans le Nordeste brésilien. L'analyse se base sur deux propositions centrales: (i) percevoir de quelle manière certains des liens intimes noués dans le contexte du tourisme de masse peuvent se maintenir à distance et définir des projets de couple après le retour des touristes en Europe; (ii) comprendre les stratégies de gestion de la mobilité et de la résidence que présupposent le maintien de ces liens et leur approfondissement vers une union matrimoniale. À partir d'un travail de terrain ethnographique itinérant réalisé des deux côtés de l'Atlantique, les données empiriques à la base de l'analyse montrent que les conjugalités et les mobilités euro-brésiliennes ici prises en compte sont intrinsèquement associées à des liens distendus et flexibles d'intimité et de résidence, mais également de citoyenneté.

Mots-clés: conjugalités transnationales; tourisme; migrations; flexibilité; Brésil-Europe

RESUMEN

Conyugalidades Distendidas: Tránsitos, Proyectos y Parejas Transatlánticas

El artículo discute la constitución transatlántica de conyugalidades y movili-dades en el marco del encuentro y acercamiento pasional entre turistas europeos y mujeres brasileñas en el barrio de Ponta Negra, principal destino turístico internacional de la ciudad de Natal, en el Nordeste brasileño. El análisis asume dos propósitos centrales: (i) ver cómo algunos de los vínculos de intimidad iniciados en el contexto del turismo de masas se mantienen a distancia y se consolidan como proyectos de pareja después del regreso de los turistas a Europa; (ii) comprender las estrategias de gestión de la movilidad y residencia que suponen el mantenimiento de dichos vínculos y su profundización en el sentido de la alianza. A partir de un trabajo de campo etnográfico itinerante y multisituado, realizado en las dos costas atlánticas, los datos empíricos que sostienen el análisis revelan que las conyugalidades y las movili-dades euro-brasileñas aquí consideradas están intrínsecamente asociadas a vinculaciones distendidas y flexibles de intimidad, residencia e, incluso, de ciudadanía.

Palabras clave: conyugalidades transnacionales; turismo, migraciones; flexibilidad; Brasil-Europa